

OS PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS DO PERSONALISMO DE KAROL WOJTYŁA

Emanuel Nilo da Silva Aires¹

Daniel de Oliveira Barreto²

Francisco Deusimar de Andrade Albuquerque³

RESUMO

Karol Wojtyła foi um bispo polonês que ficou conhecido mundialmente como o papa João Paulo II após ser eleito para governar a Igreja Católica em 1978. Amante da literatura, com futuro promissor ao teatro e às artes, quando jovem, iniciou sua vida acadêmica na faculdade de filologia polaca, mas seus estudos em modalidade formal foram interrompidos durante a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial por ocasião do fechamento da Universidade Jaguellônica em Cracóvia. Sob o cruento domínio alemão, o jovem decide se tornar sacerdote e entra para o seminário clandestino. É neste discreto caminho formativo que ele se compromete seriamente com a filosofia e com a teologia. Em diálogo com a filosofia tradicional e a filosofia contemporânea, inserido na corrente filosófica do personalismo e envolvido pelos problemas de seu tempo – tempo que podemos chamar de “nosso” – Karol Wojtyła se empenhou incansavelmente em dar respostas a esses dilemas desenvolvendo no âmbito das artes, na filosofia e na teologia tendo sempre a pessoa humana como objeto central de suas reflexões. Este trabalho tem como finalidade apresentar os pressupostos filosóficos e epistemológicos que contribuíram como um terreno fértil de reflexão para o autor em seu pensamento focado em especial na antropologia e na ética, conteúdo transversal de seu trabalho nas áreas já mencionadas. O desenvolvimento consistirá por um caminho que perpassa as suas principais influências nas artes, na teologia e na filosofia: o poeta polonês Cyprian Norwid e o místico espanhol São João da Cruz compõem o conjunto das artes e da espiritualidade; depois, as escolas filosóficas que tomaram espaço em seu campo reflexivo: o tomismo e a fenomenologia. Trata-se de uma pesquisa de caráter interdisciplinar com metodologia de cunho bibliográfico, uma pesquisa qualitativa que se propõe a uma revisão bibliográfica acerca dos pressupostos filosóficos e epistemológicos de Karol Wojtyła.

PALAVRAS-CHAVE: Karol Wojtyła. Personalismo. Artes. Teologia. Filosofia.

¹ Graduando no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN; integrante do Grupo de Estudos de Filosofia Medieval – GEFIM/LUMEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN; participa do Grupo de Estudos Wojtylianos da Faculdade Católica de Fortaleza que tem como linha de pesquisa o personalismo de Karol Wojtyła/João Paulo II. (emanuel_nilo@hotmail.com)

² Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (2017-2019). Bacharelando em Teologia no Centro Universitário Católica de Quixadá. Participa do Grupo de Estudos Wojtylianos vinculado à Faculdade Católica de Fortaleza. (daniel-barreto320@hotmail.com)

³ Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2011- 2014), Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2011 - 2013), Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal do Ceará (2016-2018) e Bacharelando em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2018). Coordena o Grupo de Estudos Wojtylianos vinculado à Faculdade Católica de Fortaleza. (deusimar@gmail.com)

1 INTRODUÇÃO

“O interesse pelo ser humano como pessoa estava presente em mim há muito tempo. [...] O que sempre me apaixonou mais foi o ser humano: quando estudava na Faculdade de Letras, interessava-me enquanto artífice da língua e objeto da literatura; em seguida, quando descobri a vocação sacerdotal, comecei a ocupar-me dele como tema central da atividade pastoral”. (JOÃO PAULO II, 1994, p. 185)

Karol Wojtyła foi um polonês que em sua juventude nutriu profundo amor pela literatura e pelas artes. Isto o levou a optar pela Faculdade de Filologia. Com a invasão alemã em 1939 seus estudos formais foram interrompidos. Revestido pelo espírito do Romantismo Polonês, ele empunhou a palavra como arma e encontrou no teatro e na poesia uma forma inteligente de resistir àquela opressão contra a vida, à liberdade e à cultura polonesa.

Durante a ocupação nazista, ele conheceu a espiritualidade expressa nas poesias de São João da Cruz. Essa o ajudou a discernir sua vocação ao sacerdócio e a decidir-se pelo ingresso no seminário clandestino. É neste discreto caminho formativo que se compromete seriamente com a filosofia e teologia.

Às diretrizes da *Aeternis Patris*, viveu no seminário uma sólida formação tomista que se estendeu intensamente até seu doutorado em Roma, onde se aprofundou também na teologia mística de São João da Cruz. Mais tarde, aproximou-se da fenomenologia, sobretudo na interpretação de Max Scheler. Estes estudos renderam uma tese filosófica que marcou a transição da fase formativa para seu amadurecimento intelectual com sua inserção à corrente contemporânea do personalismo filosófico.

Este trabalho tem como finalidade apresentar os pressupostos filosóficos e epistemológicos que contribuiriam como um terreno fértil de reflexão para o autor em sua fase formativa, já focada na antropologia e na ética. O desenvolvimento consistirá por um caminho que perpassa as suas principais influências nas áreas artística, teológica e filosófica.

O trabalho está dividido em duas seções: à primeira, sobre o conjunto *artes e espiritualidade*, trataremos sobre a relação do autor com a obra do poeta polonês Cyprian Norwid e do místico espanhol São João da Cruz; à segunda, abordaremos sua relação com as *escolas filosóficas* que tomaram espaço em seu campo reflexivo: o tomismo e a fenomenologia. Trata-se de uma pesquisa de caráter interdisciplinar com metodologia de

cunho bibliográfico, uma pesquisa qualitativa que se propõe a uma revisão bibliográfica acerca dos pressupostos filosóficos e epistemológicos de Karol Wojtyła.

2 ARTE E ESPIRITUALIDADE: CYPRIAN NORWID E SÃO JOÃO DA CRUZ

Karol Wojtyła conheceu o Romantismo Polonês através de seu pai, responsável por sua formação juvenil. A despeito do que se pode pensar, na Polônia especificamente, o caráter revolucionário da literatura europeia que surgiu no século XIX, segundo Damascena (2016, p. 30), “*não significava ruptura com o passado e início de algo novo. Indicava, primordialmente, voltar às raízes cristãs que fizeram da Polônia um povo, uma nação*”. Evidenciavam-se os valores cristãos traduzidos em arte. O poeta *Cyprian Norwid* é a sua referência mais influente a Wojtyła. Estando a pessoa humana no centro de sua literatura, a ética ocupou lugar basilar em suas reflexões, tornando-o um precursor do personalismo católico. Os seus personagens são apresentados num cenário cotidiano. Ele o fez “misturando passado e presente, temporal e atemporal, real e ideal. Os heróis são heróis enquanto são capazes de estar na contra-corrente e não viver a mediocridade” (DAMASCENA, 2016, 30).

Na poesia *Cuando pienso en la pátria* (1974), Wojtyła (1982b, p. 126-127) evoca a figura dos heróis que professam o amor pela pátria e afirmam o valor da liberdade com o preço de suas vidas. Assim acentuou o preço a se pagar pela liberdade: “tu a pagas com todo o teu ser” e “pagando sempre, chega a possuir-te de novo”⁴. Creditamos a essa passagem o intento de aludir aos dramas vividos na Polônia nos últimos séculos, sobretudo o que se testemunhou no século XX com a invasão nazista e depois com o governo soviético.

Durante a ocupação alemã em seu país, o jovem Wojtyła encontrou na literatura e no teatro uma forma peculiar de patriotismo. A Companhia de Teatro Rapsódico foi uma forma sutil e poderosa de barrar o empenho atroz de “despolonização” por parte dos alemães semeando a cultura polonesa e a Palavra de Deus. Àquela altura, o teatro significou para ele na prática o que o poeta polonês quisera aludir com: “A beleza é para dar entusiasmo ao trabalho, [é] o trabalho para ressurgir” (NORWID apud JOÃO PAULO II, 2010, p. 10). A arte de Norwid traduziu para Wojtyła a espiritualidade que permeia o patriotismo polonês.

⁴ 4 Todos os trechos citados diretamente de bibliografias cuja edição esteja em idioma distinto da Língua Portuguesa são de nossa tradução.

A arte constituiu para Wojtyła um modo alternativo de dizer a verdade e uma via de acesso à realidade. Norwid exerceu grave influência na formação desta convicção. Sendo a experiência humana demasiadamente rica, seria impossível reduzi-la a uma única forma de expressão. Para transcender as limitações da linguagem, a poesia, por exemplo, configurava “um esforço de transmitir e captar a verdade, que às vezes não consegue ser dita ou compreendida pela via da ciência exata” (DAMASCENA, 2016, p. 27). Neste sentido, o encontro com a poesia de São João da Cruz lançou-o para a experiência da teologia mística.

Ainda durante a Guerra, Wojtyła conhece a espiritualidade do santo espanhol. Anos depois, defendeu a tese *La fe según San Juan de la Cruz* (1948). Nesta acentuou já a dimensão subjetiva da pessoa humana como lugar de certeza. O entendimento humano tende naturalmente a captar a essência inteligível de qualquer objeto que os sentidos representem. Não tendo por si só suficiência para captar a essência da verdade revelada, encontra na fé o *meio proporcional* para que possa realizá-lo. Assim, “na fé e pela fé, o entendimento alcança realmente a ‘substância’ das verdades reveladas, e, por consequência, une-se à essência divina” (WOJTYLA, 1979, p. 256). Nisto Wojtyła tende a ver uma espécie de *fenomenologia mística*. Nesta experiência mística da fé, realiza-se simultaneamente um encontro pessoal do homem com Deus que leva àquele, por dom divino, a experimentar-se em autotranscendência (SILVA, 2001, p. 19). O conhecimento do Criador por parte da criatura não se dá numa relação racional onde Deus é um objeto a ser conhecido. Não sendo Deus um objeto proporcional ao intelecto humano, mas *Alguém* que protagoniza com o homem uma relação de natureza pessoal, dando-se a conhecer livremente e sendo buscado assim, revela-se como um ser irreduzível à condição de objeto, de coisa. Pode-se, então, observar, com Damascena (2016, p. 23), que o então padre polonês supera da “teologia do objeto” em vias de uma “teologia do sujeito”. Enquanto imagem e semelhança de Deus, o homem não se reduz à condição de objeto, mas é, simultaneamente, sujeito e objeto desta relação. Não seria equivocado, assim, comentar uma relação intersubjetiva divino-humana no pensamento do polonês, baseado do próprio realismo da encarnação do Verbo, que em si sintetiza essa relação divino-humana.

A experiência artística e a espiritualidade mística ajudaram ao polonês a não perder de vista o aspecto subjetivo do homem. Isto não significa que declinara em subjetivismo. Ele abordou a pessoa humana unindo objetividade e subjetividade. Mais tarde, em *Amor e*

responsabilidade (1960), Wojtyła (2016, p. 15-16) afirmaria que “qualquer sujeito é, ao mesmo tempo, um ser objetivo”, relevando os dois aspectos do mesmo ser. Enquanto sujeito, “o homem é objetivamente *alguém*”. Havendo nele “alguma coisa a mais, uma plenitude e uma perfeição de ser”, a expressão mais adequada para sublinhar *quem é o homem* se encontra no termo “pessoa”. Veremos adiante em que consiste esta perfeição. Abordaremos agora a relação de Karol Wojtyła com as escolas filosóficas que o ajudaram no aprofundamento destes aspectos que integram o homem-pessoa.

3 AS ESCOLAS FILOSÓFICAS: TOMISMO E FENOMENOLOGIA.

No prefácio da edição anglo-americana de *Persona y acción*, Wojtyła (1982a, p. 12) confessa: “O autor deste estudo se declara devedor dos sistemas da metafísica, da antropologia e da ética aristotélico-tomista, em parte, e, por outra, da fenomenologia, sobretudo na interpretação de Scheler”. Este trecho sintetiza, no âmbito propriamente filosófico, as principais influências de seu personalismo.

À Carta Encíclica *Aeternis Patris* (1879), o Papa Leão XIII exortou a fomentação dos estudos da doutrina de Santo Tomás nas academias católicas. Por estar inserido neste ambiente, Wojtyła tem contato com uma pluralidade de tomismos. Assim ele se aproximou da Doutrina de Santo Tomás. Essa o ajudou especialmente a pensar o aspecto objetivo da pessoa. Embora o Aquinate não estivesse sintonizado com o problema do personalismo – pois este é um problema contemporâneo – desenvolveu sobre o problema da pessoa com certa clareza que nos é possível falar de *personalismo tomista* (WOJTYŁA, 2010, p. 303).

Wojtyła analisou o problema do personalismo partindo do que o Doutor Angélico desenvolveu sobre a *pessoa*. Esta abordagem tem uma função mais teológica. Sobretudo nos tratados da Santíssima Trindade e da União hipostática, Santo Tomás analisa e se utiliza em vários momentos da clássica definição filosófica de Boécio: *persona est rationalis naturae individua substantia*. Consideremos: pessoa é substância individual de natureza racional. Esta natureza racional, não possuindo existência própria e autônoma, subsiste na pessoa. Por conseguinte, “a pessoa [...] é um sujeito autônomo da existência e da ação” (WOJTYŁA, 2010, p. 307). Neste sentido, podemos compreender Deus como um ser pessoal.

Quanto ao homem, considera-o Santo Tomás, relativo à criação, como o ser

objetivamente de maior perfeição. Esta perfeição consiste em sua natureza racional, da qual se pode inferir a sua natureza espiritual, cujos atributos são a racionalidade e a liberdade, subsistentes na pessoa. Assim, “a pessoa [...] é sempre um ser concreto racional e livre, capaz de todas as ações às quais somente a racionalidade e a liberdade predisõem” (WOJTYŁA, 2010, p. 307). Apoiado na concepção do *hilemorfismo* aristotélico (matéria e forma), analisou o *compositum humanum* concebendo a alma humana como a forma substancial do corpo. Precisou a alma racional como o princípio e fonte de toda a espiritualidade do homem, em virtude da qual se pode atribuir ao ser humano o caráter de pessoa. As faculdades em que se expressa e se atualiza a espiritualidade da alma e, por conseguinte, a espiritualidade do homem, são a razão e a vontade. Logo, “são os principais meios de realização da pessoa humana; com base em sua ação se modela toda a personalidade psicológica e moral”. Também influem, a seu modo, na formação da personalidade as faculdades referentes ao corpo – os sentidos. Santo Tomás concebeu a espiritualidade do homem em conformidade com a unidade substancial e corporal. Deste modo, “todas as faculdades da alma humana estão ordenas, em sua ação, ao aperfeiçoamento do homem [...], todas estão ao serviço da pessoa, contribuem para seu desenvolvimento” (WOJTYŁA, 2010, p. 309).

Se por um lado o filósofo encontra desenvolvido no pensamento de Tomás o lugar para pensar o aspecto objetivo do homem sob as vistas da filosofia do ser; por outro lado, encontra aí também um limite. É óbvio que para o Aquinate o homem-pessoa é um sujeito particular da existência e da ação, já que possui subsistência na natureza racional, e é capaz de consciência e autoconsciência. Entretanto, parece não haver lugar em sua visão para análise destas, onde se manifesta acentuadamente a subjetividade. Por isso, Wojtyła (2010, p. 311) considera a concepção de pessoa em Tomás objetivista. Este ofereceu os elementos que o permitiram dialogar com seu tempo e conceber o ser pessoal do homem. Ajudou-o ainda a intuir a necessidade de um caminho investigativo sobre o homem que estivesse comprometido com a sua integralidade, a despeito da modernidade que o concebeu dividido e até reduzido essencialmente à instância subjetiva. Neste caminho, encontrou na fenomenologia complementaridade basilar para pensar as experiências vividas pela pessoa.

Karol Wojtyła se acercou da fenomenologia, sobretudo na interpretação do filósofo alemão Max Scheler. Para este a fenomenologia constituiu o método adequado à ética. A ética tem como objeto único e exclusivo o valor. Assim, os valores são objeto da *experiência*

fenomenológica. Scheler edificou seu sistema sobre uma análise crítica da ética formal de Kant. Se para este o valor ético da ação consiste especificamente na *máxima categórica* que expressa o *dever*, àquele a ética consiste na *realização de um valor*, enquanto o dever, por sua vez, possui um valor negativo. Kant é um racionalista; por sua vez, Scheler acentua no homem a esfera emocional e o objeto específico das experiências emocionais é o valor.

No sistema de Scheler, o valor não goza de definição formal, mas é apresentado como realidade objetiva intrínseca ao objeto que se manifesta única e exclusivamente no conteúdo da vida emocional, ou seja, o valor emerge sempre e necessariamente de uma experiência vivida por um sujeito. O valor é o objeto inteiro dado de forma nova. Desta forma nova se dá o objeto na percepção afetiva intencional (cf. WOJTYLA, 1993, p. 19-20).

Os valores estão ainda objetivamente ordenados em certa hierarquia, conforme sua essência. A superioridade ou inferioridade dos valores “são por nós percebidos graças a certos atos particulares de conhecimento emocional nos quais nos são dados imediatamente”, ou seja, “o conhecimento do valor objetivo em sua posição hierárquica é intuitivo e emocional” (WOJTYLA, 1993, p. 68). Os *valores éticos* – bem e mal – estão fora desta hierarquia, mesmo estando em relação com ela. Estes se realizam de acordo com a orientação da pessoa a um valor objetivamente superior a outro.

Para Karol Wojtyła não é suficiente definir o bem ou o mal – objetos da ética – como a realização de um valor. Na visão de Wojtyła, ainda que Scheler traga duas contribuições fundamentais: a experiência moral como algo constitutivo e intuitivo da pessoa – que precede a própria formulação racional, ou seja, um acesso imediato e emotivo aos valores morais; em segundo lugar a existência de uma escala moral objetiva que não depende exclusivamente do alvedrio humano, de sua subjetividade ou até mesmo de sua estrutura psicobiológica; falta-lhe, contudo, outras duas concepções correlatas: em primeiro lugar, uma fundamentação ontológica que mostre em que consiste essa escala moral objetiva e, por outro lado, qual seria precisamente o lugar do homem dentro dessa escala objetiva, e assim, qual o papel da razão em relação à concepção moral de Scheler. Na sua visão, essas duas objeções precisam de uma “correção personalista”, ou seja, a compreensão ontológica de quem é o homem e qual o papel diretivo da razão dentro da estrutura humana, na conformidade com as formulações éticas. Assim, podemos dizer que Wojtyła consegue unir com serenidade os aportes filosóficos fenomenológicos, a partir da experiência humana, com as concepções tradicionais da

metafísica tomista que exerceram forte influência epistêmica sobre ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram abordadas as principais influências de Karol Wojtyła em sua fase formativa nas áreas da arte, teologia e filosofia e que nelas encontrou lugar de expressão para seu personalismo. Na primeira seção, vimos que a literatura de Cyprian Norwid traduziu para o jovem Wojtyła a espiritualidade que permeia o patriotismo polonês e como a teologia mística de São João da Cruz o ajudou compreender a capacidade de autotranscendência que possibilita ao homem, pela fé, experimentar uma relação interpessoal com Deus. Na segunda seção, foi abordada a leitura que Karol Wojtyła faz do problema do personalismo à luz do conceito de pessoa de Santo Tomás e como este o ajudou conceber o ser humano como pessoa. Por fim, abordamos que na fenomenologia base o polonês encontrou base complementar para refletir sobre as experiências vividas pela pessoa, em especial, sua relação com os valores objetivos e as conclusões sobre os limites do sistema ético de Scheler. Relevamos, então, que Karol Wojtyła desenvolve uma estreita relação entre o tomismo e a fenomenologia numa nova síntese antropológica de caráter personalista.

REFERÊNCIAS

DAMASCENA, Francisco A. **Rumo ao pluralismo personalista com base no personalismo de Karol Wojtyła**. 2016. 406f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese) Facultas Philosophiae, Pontificia Universitas Lateranensis, Roma, 2016.

JOÃO PAULO II. **Carta aos artistas**. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança**. Trad: Antônio Agonese e Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

SILVA, Paulo Cesar da. **A ética personalista de Karol Wojtyła: ética sexual e problemas contemporâneos**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.

WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade**. Tradução: Manuel Alves da Silva. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.

WOJTYLA, Karol. El personalismo tomista. In: **Mi vision del hombre: hacia una nueva ética**. Organizado por Juan M. Burgo y Alejandro Burgos. Palabra: Madrid, 2010, p. 303-320.

WOJTYLA, Karol. **La fe segun San Juan de la Cruz**. Traducción: Alvaro Huerga. Biblioteca de autores cristianos: Madrid, 1979.

WOJTYLA, Karol. **Max Scheler e a ética cristã**. Tradução de Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.

WOJTYLA, Karol. Prefacio. In: **Persona y acción**. Biblioteca de autores cristianos: Madrid, 1982a, p. 11 – 12.

WOJTYLA, Karol. Cuando pienso en la patria. In: **Poesias**. 3ª ediccion. Biblioteca de autores cristianos: Madrid, 1982b, p. 123 - 130.